

5

ARMANDO OLIVEIRA LIMA (*)

**DO ESPÍRITO
UNIVERSITÁRIO (**)**

ABSTRACT

The author, chosen as patron of the Student Body Council of this college, tells of his emotion for being so honored and also talks about the assets of a true academic spirit, which he hopes will prevail amid the student body, in spite of the risks for a community, according to his very own opinion, provincial and conservative.

RESUMO

O autor, ao assumir a condição de patrono do Centro Acadêmico dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, diz da emoção da homenagem e discorre sobre os atributos do espírito universitário, que espera ver vigendo no seio da universidade, embora os riscos que acarretam numa comunidade, segundo ele, provinciana e conservadora.

(*) Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, ex-presidente do Centro Acadêmico "Santo Tomás de Aquino", Membro efetivo da Academia Sorocabana de Letras, cadeira "Monteiro Lobato".

(**) Discurso proferido em 04 de maio de 1990, por ocasião da instalação do Centro Acadêmico que leva o nome do autor.

Autoridades Presentes
Senhores Professores
Jovens Universitários
Senhoras e Senhores
Amigos

A notícia chegou-me surpreendente. Num primeiro momento, dei-me um beliscão exploratório: estaria eu morto sem o saber? Afinal, homenagens dessa natureza têm sido exclusividade dos mortos. Braço dolorido, concluí cartesianamente: "Doeu, logo existo!"

Ao estado inicial de surpresa seguiu-se o de constrangimento. Não seria cabotino de mais aceitar tal homenagem, com a preterição de nomes como os de Henfil, essa figura deslumbrante, de Paulo Freire, o grande teórico-prático da educação nacional, o de Alexandre Vannucchi Leme, jovem vítima da covarde repressão que um dia se abateu sobre nós, o de São Tomás de Aquino, com quem nunca tive afinidade, partilhando, portanto, seu desejo de romper, em definitivo, o vínculo deste Centro com a tradição eclesial - pouco saudável - desta Escola? Relutei - confesso - em aceitar tão grande honraria. Não propriamente por modéstia, mas pelo temor de parecer pretensioso, horrivelmente pretensioso.

Não obstante, eu próprio me advertia se me seria possível rejeitá-la. Não ocorreria, na hipótese, gesto de deselegância, de desprezo, sob a capa da modéstia? Não propriamente, aliás, da modéstia, mas de falsa modéstia? Seria gesto de grandeza ou de pequenez?

Cabotino seria, sim, tentar esconder a alegria que me inundou a alma tão logo recebi, ex-abrupto, a notícia da homenagem que se prestava. Decidi, então, que deveria recebê-la, arrostando ,

embora, a contrariedade de alguns, especialmente porque o gesto desta comunidade acadêmica é inovador: põe termo a homenagens póstumas, aquelas que invariavelmente transformam os mortos em profundos repositórios de santidade...

Sei, amigos, que outros alunos desta Escola são merecedores de idêntica honraria pelo que deram de si ao Centro Acadêmico, à Faculdade, à comunidade, sem buscar retribuições de espécie alguma que não a consideração e o respeito. É verdade que vislumbro na homenagem aos vivos o risco da mudança de posições ideológicas. Esta Escola é testemunha presencial de quantos por aqui passaram veiculando discurso revolucionário e que, algum tempo depois, se acumpliciaram com o poder, mudando o conteúdo daquele discurso. E não apenas aqui, porquanto de tais espécimes está cheio o Universo. Aos cinquenta e seis anos - sei lá quantos me restam, se me restam anos... - orgulho-me da coerência com que tenho pautado minha vida, sempre polêmica, radical, voltada a um idealismo sadio, embasado nas inesquecíveis lições dos socialistas românticos de mais de um século.

Entretanto, meus jovens, os gestos inovadores incomodam, em especial os que estão acostumados à mesmice, ao conservadorismo, à repetição mecânica de gestos sem sentido. Vamos arrostar, estejam certos, por um bom período, críticas e objeções, ao lado do silêncio sepulcral dos que, semi-mortos, agonizantes em cima do muro, não têm coragem de opinar. Nem nos surpreendamos se, em breve, iniciar-se (já não terá sido iniciada?) sorrateira campanha para nova mudança do nome deste Centro Acadêmico. Não nos iludamos com os que agem à socapa, subterraneamente. Eles estão aí e não é difícil identificá-los: trazem, por mais que queiram esconder, estampada na testa a marca da malícia torpe.

Esta homenagem, eu a recêbo também

como desagravo, eu que, juntamente com outros compa-
nheiros, vimos sendo, já faz algum tempo, desconsi-
derados - mercê da nossa coerência - por certos rei-
zinhos de província, daqueles que não se cansam de,
diuturnamente, inquirir ao espelho de presunção:
"Espelho, espelho meu, surge do espaço profundo e
vem dizer se há no mundo alguém mais poderoso e in-
teligente do que eu!". Gente madrasia, com complexo
de rainha... Entretanto, amigos, nunca me senti a-
traído pelo poder. Nunca. Jamais desejei partilhar
dele, transformar-me em um de seus comensais, porque
sei que poder e prepotência são almas quase gêmeas
e a prepotência enfermidade transmissível por contá-
gio. E nunca quis participar de tal grupo de risco... O que sem-
pre fiz foi resistir à injustiça, o que sempre fiz foi servir.

Este Centro tem sido, igualmente, vítima, por vezes, da prepotência e do arbítrio, em nome de uma enganosa "manutenção da ordem". Obra de picaretas, dos que pretendem inutilmente marcar gol de placa... Não há muito tempo viu-se expropriado de legítimos bens em total desrespeito ao Direito, vítima de cínico esbulho! Trataram-no como senzala por obra da Casa Grande... Contra isso me insurigi. Contra isso continuo me insurgindo. Agora mais do que nunca, quando significativa parcela da popula-
ção guinda ao poder raro espécime que se esperava em extinção - misto de "Superman" e "Zé Bonitinho" - é preciso saber resistir ao arbítrio. Mais do que nunca, amigos, a universidade deve ser o centro da resistência na defesa de direitos legítimos, sem o temor de arder na luta, desigual por vezes, mas inevitável. A vida universitária não contempla adesis-
tas e covardes, rejeitando, embora com vigor, a trucu-
lência em suas próprias hostes!

O espírito universitário, aquele que deve embasar os nossos procedimentos, con-
substancia-se em, pelo menos, seis atributos que se completam: consciência, independência, liberdade, humildade, inquietação, utopia.

O homem é um ser "em situação", um "ser-no-mundo". Saber-se em situação, no mundo, é próprio do homem consciente. O situar-se, portanto, não significa introjeção, mas, ao contrário, projeção. Não é um incorporar o mundo. É, antes, um incorporar-se nele. O homem crítico, consciente da reciprocidade que caracteriza sua condição de "ser-no-mundo" é, na verdade, aquele que tem capacidade de se tornar um produtor de bens, um construtor, um fazedor de cultura. O homem alienado, ao contrário, não se pode fazer senão um consumidor de mundo, um deglutidor, que a força de não transformar coisa alguma, vem de transformar-se a si mesmo em um depredador. Parece-nos, portanto, desnecessário insistir no demasiado óbvio: a virtude mestra do espírito universitário é sua capacidade de consciência intencionada ao mundo, da qual, por certo, resultarão as demais.

Por outro lado, o espírito universitário não há de ser senão independente. Independente no sentido de não comprometido a não ser com a busca da verdade. Isto é, descomprometido com um tipo muito especial de comprometimento encontrado em larga escala nos nossos dias: aquele que resulta na emasculação da nossa vontade, da nossa capacidade de resistência, vencidos quase sempre pela saída fácil, mas enganosa, da adesão por conveniência. O espírito universitário, fique claro, não pode pôr-se a reboque, tampouco transformar-se em mero apêndice do processo cultural. Ao contrário, por sua própria natureza, é timoneiro, é rompe-alas, é comissão de frente, é fonte, não reservatório. Em resumo: o espírito universitário já mais se poderá transformar em mero adesista!

Como corolário da independência, o espírito universitário busca ser livre. Condena e repugna a toda e qualquer espécie de opressão. E importante: não se faz opressor. Salienta-se, portanto, a liberalidade como característica vital ao es-

espírito universitário: o respeito às mais variadas idéias e aos seus veiculadores; a compreensão das posições alheias, atento a que compreender não significa aceitar; o debate franco, generoso, leal e de alto nível; o estudo e a pesquisa sem preconceitos, sem posições apriorísticas; a busca incansável de novas verdades - estejam onde estiverem, venham de onde vierem. Espírito universitário é abolição de rótulos e atento exame de conteúdos. É a certeza de que a unidade se faz na diversidade, ou, como queria Nelson Rodrigues, de que "a unanimidade é burra". Espírito universitário é, portanto, desejo de liberdade e respeito à liberdade.

Opondo-se ao espírito acadêmico, não raro rançoso, totalitário, pretencioso, o espírito universitário é humilde, sem presunção, sem basófia. Não se arroga o direito à última palavra porque busca incansável e incessantemente e tem consciência de que ainda há muito a buscar. Sabe da transitoriedade das suas afirmações, das suas descobertas, dos seus conceitos. Sabe, como ninguém, do quanto existe de verdade na afirmação dialética de Álvaro Vieira Pinto, no sentido de que "a perenidade das idéias reside no fato de que elas morrem". Vale dizer, transformam-se, até porque em terreno algum que não no das idéias vige, em sua plenitude, a afirmação de Lavoisier. O espírito universitário se proclama inacabado e incompleto como o conhecimento da natureza que explora, daí caber-lhe a indelégável tarefa de perquirir, de pesquisar, de explorar, buscando respostas aos desafios do mundo. A humildade característica do espírito universitário é condição primeira ao diálogo efetivo, aquele que pressupõe a possibilidade de troca de experiência porque coloca os interlocutores horizontalmente, em posição de igualdade.

Não é senão por isso que o espírito universitário deve ser inquieto e inquietante. A

inquietação, que para S. Francisco de Sales é o maior mal para a alma e para Leibnitz, essencial à felicidade das criaturas, deve ser entendida como antônimo de repouso, inércia, conformismo, submissão. Inquietação, portanto, sinônimo de insatisfação, no dizer de Pierre Furter. Com efeito, somente os insatisfeitos têm condições de avançar e progredir indefinidamente. Os conformados sempre cerram fileiras.

Convém, entretanto, constatar que há insatisfeitos e insatisfeitos: os que lastimam não ter mais e os que se inquietam na complexidade de ser mais. Aos primeiros, falta-lhes espinha dorsal, embora não lhes falte esperteza. São os eternos discípulos do "é dando que se recebe", meia verdade, porquanto importa saber o que se dá em troca do que se recebe... Estes infelizes têm pressa e, pisoteando eventuais obstáculos, seguem em frente. Mas o "em frente" deles é logo ali... Os que desejam ser mais, ao invés, colocam seus ideais à distância e, de pé, espinha dorsal estendida, mirando a linha do horizonte, põem-se, sem pressa, a caminho, e vão cautelosamente. Demoram, portanto, em sua caminhada. Mas, ao contrário daqueles, vão longe.

Essa a característica inquietante do espírito universitário: nada de inércia, de estagnação, de repouso. Inércia, estagnação, repouso são miasmáticos! o espírito universitário, bem ao contrário, é saneador de miasmas, um eterno e paradoxal pôr-se a caminho sem chegar nunca, um constante pôr mãos à obra sem concluí-la jamais.

Utopia, meus jovens, deixou de ser o eterno unívoco que significava irrealizável, ficção, sonho impossível de ser concretizado. Sofrendo os efeitos das variações semânticas que caracterizam o vertiginoso da vida, utopia significa, hoje, "antecipação ideal do possível". Uma forma de oposição ao statu quo de modo crítico, imaginativo e crí

ador. No dizer de Mannheim, ser utópico não é fugir em nenhum lugar (u-topos), nem em nenhum tempo (u-cronos), mas, ao contrário, um modo de criticar sistematicamente a situação concreta e atual em função de critérios e reivindicações fundamentais.

Ressalta-se, porém, que toda utopia liga-se umbilicalmente à ideologia, "concretização e redução da utopia num projeto real dadas as limitações da situação". Uma espécie de "na prática a teoria é outra". A ideologia, contudo, pode ser encarada de duas formas: a ideologia da justificação e a ideologia da interpretação. A primeira não é mais que uma elaboração intelectual com vistas à justificação da realidade, do status. Uma espécie de "aconteceu porque Deus quis"... É, portanto, conservadora, mistificadora e alienante. Não é análise, não é crítica. É uma construção intelectual alienante sobre a realidade. Não é conhecimento, é opinião. Uma espécie de "eu acho que". A outra, a da interpretação, está ligada à reflexão, ao conhecimento sistemático da realidade histórica dinâmica e mutante. Rejeita o preconceito, rejeita o dogma, rejeita a mentira. Tal ideologia, portanto, liberta, acrescenta, esclarece, abre perspectivas.

É como diz, aliás, Pierre Furter, sintetizando a teoria de Ernst Bloch: 1. O homem é um ser de insatisfação e de carência; 2. Pelo poder da utopia descobre que é possível imaginar um futuro onde a sua perfeição é desejável e possível; 3. Para isto, tem que se engajar numa ação concreta, orientada pela utopia, enraizada na sua condição. A utopia torna-se um otimismo militante, para o qual não há limites.

Pois não é senão esse o sentido da utopia do espírito universitário: presença consciente, indefinidamente.

Meus Caros

Resulta, do quanto vimos, que a vida universitária comporta uma dimensão política de extrema importância, de tal sorte que vivenciá-la significa correr os inevitáveis riscos da resistência à ação nefasta de um tipo de poder acumpliciado com as elites, com o status, com o conservadorismo, em total e revoltante desrespeito às aspirações e necessidades da maioria. Eles nos querem permanentemente humilhados e mortos. É mister que lutemos, portanto, munidos de indignação piedosa, como quer Leonardo Boff, na concretização da nossa própria ressurreição. Uma espécie de "expulsar os vendilhões do templo".

É provável, no entanto, que durante toda a nossa exposição e precisamente neste instante, uma dúvida persista em pairar em cada um de nós: uma tal atuação assim consciente, assim decidida, assim corajosa, assim livre, assim utópica, não nos acarretará o risco de sermos acoimados de subversivos? Certamente que sim. É muito provável que recebamos simpática visita da turma do Tuma. Contudo, há subversão e subversão, conforme nossos objetivos sejam destrutivos ou construtivos, isto é, conforme sejam consequência da nossa praxis, intencionada e consciente, ou do nosso ativismo, inconsciente e desesperançado, como lembra Paulo Freire.

Subversivo, por certo, o primeiro antropóide que decidiu inaugurar a espécie humana, opondo-se a animalidade dos seus pares, instalando ali, quem sabe, a "subversio perennis"; subversivo o homem pré-histórico, descobridor do fogo, da pedra lascada, dos instrumentos; os artistas primitivos, que inauguraram singulares museus de arte nas grutas-refúgios; subversivos quantos foram capazes de construir uma comunidade de bens, pelo respeito à igualdade, pelo respeito às necessidades básicas; subversivos, sem dúvida, os antigos missionários,

demolidores de crenças estáticas, monolíticas, anacrônicas; subversivo Moisés, o primeiro líder sindical da história, entre os oleiros egípcios.

Subversivo, por certo, Sócrates, autor da grande subversão na democracia grega que mantinha escravos; subversivo Jesus Cristo; subversivos os primeiros cristãos (já não se faz cristão como antigamente...) e suas reuniões nas catacumbas, à sombra da noite; subversivos os desabafos de Paulo de Tarso no Sinédrio. Subversivo João XXIII, responsável pela oxigenação da igreja que começa, de novo, a sentir falta de ar.

Subversivo - e como! - Gutemberg e sua maravilhosa coleção de tipos móveis; subversivo Abelardo e seu amor às contradições, Rousseau e os iluministas. Subversivos todos os filósofos, de Tales a Sartre; todos os poetas de Homero a Pablo Neruda, dos mais refinados aos de cordel; todos os educadores, de Protágoras a Paulo Freire...

Subversivo Lutero que pôs subversivas formigas na doce enganação da Igreja, com as suas exemplares teses de Wittemberg. Subversivos Campanella, Morus, Giordano Bruno, Galileu, Freud, Marx.

Subversivos Brecht, Pirandello, Becket, Genet, Guarnieri, Vianinha, Nelson Rodrigues, ante a angústia da incomunicabilidade humana. Subversivos Shakespeare, os artistas todos desde os primitivos das cavernas até esse extraordinário Picasso. Subversivos Zumbi e sua luta pela negritude.

Subversivos, sonoramente subversivos, os mestres da música, de Beethoven a Chico Buarque de Holanda. Subversivos, sem dúvida, os membros que nos ensinaram as primeiras letras do alfabeto, introduzindo-nos no maravilhoso campo da simbologia humana. Subversivos os que sonham e trabalham pela concretização de um mundo mais humano, mais

mundo. É dessa subversão que falamos; daquela que constrói, embora sabidamente não se possa fazer ome lete sem quebrar os ovos..."

Afinal, caríssimos, não nos esqueçamos de que o próprio globo terrestre é resultado de subversão ocorrida no sol. E a criação, toda ela, é reflexo da subversiva vontade de Deus que princi piou por espancar a mesmice de trevas com o seu "Fa ça-se a luz!"

E a luz se fez. De sorte que, de lá para cá, as trevas são, quase sempre, da nossa exclusiva responsabilidade. Afianço-lhes: o espírito universitário há de ser a luz do mundo.

Senhores

Eis-nos chegados, para a alegria de todos e em especial dos seus respeitáveis traseiros, ao final. Entendo que dei muito de mim à Escola enquanto aqui estive; e prossegui dando o melhor de mim após deixá-la. Em momento algum permiti diminuir o amor que sinto por ela enquanto instituição, repugnando, por isso mesmo, o compadrio, a súcia, a máfia; jamais deixei esmaecer o amor que tenho pelo Centro Acadêmico e pelo que ele representa no seio da comunidade. Seria maçante, creiam, se me propusesse a recordar, eu que já abuso da sua atenção, os grandes momentos aqui vividos. Vou poupá-los disso.

Advirto-os, não obstante, de que a Escola não se resume às paredes da sala de aula. Ela é mais que isso, espraiando-se pelos corredores, pelo pátio, pela cantina, pelos botecos circunvizinhos onde cada um pode ser o que é, viver livremente a vida. A Escola é mais que ela própria. A Escola, para sê-lo, deve transformar-se em algo transcendente a si mesma. Para vivê-la intensamente é preciso amá-la, identificar-se com ela por inteiro. Escola é emoção, é sentimento, é intensa troca. É preciso que cada um se torne reflexo dela, dela que somos nós, nós que a fazemos.

Que cada um se considere privilegiado por estar aqui. E em aqui estando possa usufruir intensamente o privilégio de estar nela.

Meus queridos

Sou grato, imensamente grato, pela homenagem que se me presta neste instante. Menos por mim, mais pelos meus ideais, pelas minhas utopias. E, perdoem, até mesmo pelos meus adversários que se devem estar remoendo... Embora constrangido, não tenho como rejeitar esta homenagem. Acredito nas suas razões, embora não as vislumbre de pronto e com clareza. Afinal, quem não gosta de um cafuné?...

Contudo, terminada esta solenidade, ter-me-ei dado por pago e satisfeito. Feliz, portanto. Daí porque desejo liberá-los do compromisso de manter meu nome à frente desde Centro. Não pedi para estar aqui. De igual forma não pedirei para aqui permanecer. Livres para escolher, libérrimos para "descolher". E estamos conversados.

Quanto a mim, continuo, como sempre estive, à disposição de todos para que possamos, juntos, viver esta inexcedível experiência, complexa e aventurosa: a da vida universitária!

Como epílogo, a lição da sabedoria oriental para nossa reflexão:

SE EU NÃO ARDO

SE TU NÃO ARDES

SE NÓS NÃO ARDEMOS

QUEM, QUEM ESPANCARÁ AS TREVAS?